

Ana Lúcia Abrahão
Bianca da Silva Nunes
Hildegard Soares Barrozo de Lima
ORGANIZADORAS

ENTRE AFECÇÕES E INSTITUIÇÕES

PRODUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA EXPERIÊNCIA
DE ENSINO



Ana Lúcia Abrahão
Bianca da Silva Nunes
Hildegard Soares Barrozo de Lima
ORGANIZADORAS

ENTRE AFECÇÕES E INSTITUIÇÕES

PRODUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA EXPERIÊNCIA
DE ENSINO

Atena
Editora
Ano 2026

Dezênie/Suelli
agosto 2025

2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora tem um compromisso sério com a transparência e a qualidade em todo o processo de publicação. Trabalhamos para garantir que tudo seja feito de forma ética, evitando problemas como plágio, manipulação de informações ou qualquer interferência externa que possa comprometer o trabalho.

Se surgir qualquer suspeita de irregularidade, ela será analisada com atenção e tratada com responsabilidade.

O conteúdo do livro, textos, dados e informações, é de responsabilidade total do autor e não representa necessariamente a opinião da Atena Editora. A obra pode ser baixada, compartilhada, adaptada ou reutilizada livremente, desde que o autor e a editora sejam mencionados, conforme a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Cada trabalho recebeu a atenção de especialistas antes da publicação. A equipe editorial da Atena avaliou as produções nacionais, e revisores externos analisaram os materiais de autores internacionais.

Todos os textos foram aprovados com base em critérios de imparcialidade e responsabilidade.

ENTRE AFECÇÕES E INSTITUIÇÕES: PRODUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

| Organizadoras:

Ana Lúcia Abrahão, Bianca da Silva Nunes

Hildegard Soares Barrozo de Lima

| Revisão:

Atena Editora

| Diagramação:

Jeniffer Paula dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E61 Entre afecções e instituições: produções de sentidos em uma experiência de ensino / Alessia Benizzi, Ana Lúcia Abrahão, Ana Paula Ribeiro Dórea, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2026.

Outros autores

Arthur Marco Pegoretti da Cunha

Beatriz Fileme

Bianca da Silva Nunes

Hildegard Soares Barrozo de Lima

Luana Asturiano da Silva

Luciana Araújo Lima Machado

Jeremias Kalupeteca Joaquim Dambi

Juliana Vieira de Moraes

Maiara Soares Baratela

Raquel Dias Botelho Borborema

Rafaella Cristina de Oliveira

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-4040-6

DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.406261303>

1. Educação. 2. Instituições. I. Benizzi, Alessia. II. Abrahão, Ana Lúcia. III. Dórea, Ana Paula Ribeiro. IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

+55 (42) 3323-5493

+55 (42) 99955-2866

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Ana Lúcia Abrahão

Esta coletânea reúne os trabalhos produzidos durante a disciplina optativa sobre Análise Institucional, ofertada pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense. A jornada formativa teve início em 14 de julho de 2025, em formato de módulo de 9h às 16h, com a discussão dos principais conceitos que fundamentam o campo da Análise Institucional.

Como proposta para a finalização da disciplina, a professora Ana Lucia Abrahão sugeriu que, ao longo dos encontros, cada participante construísse sua própria “caixa de afecções”, reunindo diferentes elementos, objetos, registros e produções que atravessassem a semana de estudos.

A disciplina foi encerrada em 18 de julho, com a apresentação das produções que foram depositadas na “caixa de afecções” desenvolvidas pelos estudantes, provocando um debate sobre os conceitos da Análise Institucional e a aproximação com os projetos de pesquisa de cada estudante. Dessa forma, foi sendo composto um mosaico de reflexões, experiências e afetos mobilizados ao longo do percurso formativo.

É importante destacar a utilização da “caixa de afecções” como recurso pedagógico e, simultaneamente, como dispositivo analítico para a produção de sentidos em torno dos temas e conceitos trabalhados na disciplina. Trata-se de uma caixa — física ou virtual — pensada para acolher tudo aquilo que emergiu ao longo das discussões provocadas durante os encontros da disciplina: ideias, reflexões, sentimentos, imagens, provocações e estranhamentos. Esse artefato não funcionou apenas como um repositório, mas como uma tecnologia de envolvimento para o aprendizado, um convite para que cada estudante participasse ativamente do processo formativo, contribuindo com suas próprias afecções, autoavaliação e, assim, coproduzindo o percurso coletivo da disciplina.

O conceito de afecção, em Espinosa, refere-se ao modo como corpos e mentes se afetam mutuamente nos encontros com outros corpos, ideias e forças do mundo.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Para o filósofo, trata-se das variações que ocorrem em nossa potência de existir e agir a partir dos efeitos produzidos pelas experiências externas (Espinosa, 2015). Representa as modificações que se operam em nós quando somos atravessados por algo externo — no caso da disciplina, pelas discussões, materiais, práticas, emoções e experiências compartilhadas no grupo. À medida que avançávamos nesses encontros, fomos percebendo como as diferentes afecções variavam nossa potência de agir, ampliando-a quando produziam alegria, curiosidade e abertura; ou restringindo-a quando provocavam desconforto, resistência ou tensão. Assim, tornava-se possível acompanhar, de forma sensível, como a aprendizagem se dava também no corpo, na experiência e na relação com o outro.

As afecções, entendidas aqui como forças que nos mobilizam, despertam sentidos e nos fazem sentir vivos e em movimento, mostraram-se especialmente potentes quando articuladas às discussões sobre Análise Institucional. Autores como Lourau (1995) e Lapassade (1983) destacam que os sujeitos são atravessados por forças institucionais, afetivas e coletivas que moldam práticas, discursos e modos de participação. Esse campo teórico-metodológico, voltado a compreender as instituições como organismos vivos, atravessados por normas, desejos, práticas e conflitos, permitiu reconhecer como os afectos constituem uma dimensão fundamental nos modos de estar e agir dentro das instituições. Assim, compreender as afecções significou também perceber como somos produzidos institucionalmente e como, ao mesmo tempo, produzimos as instituições por meio dos encontros, das escolhas e das tensões que atravessam nossos percursos.

A articulação entre a ideia de caixa e a noção de afecção permitiu recolher, ao longo dos encontros, as múltiplas formas pelas quais os conceitos da Análise Institucional foram se materializando e ganhando corpo para cada estudante. A caixa passou a agregar não apenas os conteúdos teóricos, mas também as experiências trazidas de campo, os desafios institucionais enfrentados nos diferentes contextos de pesquisa, as expectativas, as dúvidas e os movimentos micropolíticos que emergiam a cada encontro. Nesse processo, pensamentos e sentidos se encontravam, friccionavam-se e, muitas vezes, se reinventavam, produzindo um conhecimento vivo, situado e singular.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Ao final, a “caixa de afecções” tornou-se mais do que um instrumento pedagógico: configurou-se como um lugar de memória, criação e implicação, capaz de registrar o percurso coletivo e, ao mesmo tempo, revelar as transformações que cada estudante vivenciou no decorrer da disciplina. Assim, a caixa se constituiu como um espaço privilegiado de elaboração, no qual teoria e experiência se entrelaçaram, produzindo não apenas aprendizagens conceituais, mas também deslocamentos subjetivos e institucionais.

Nas páginas seguintes, reunimos as produções das caixas de afecções tal como foram apresentadas e expressas ao longo da disciplina. Elas se manifestaram em diferentes linguagens — poesia, pintura, desenho, reflexão — além das descrições dos objetos contidos em cada caixa e dos significados a eles atribuídos.

REFERÊNCIAS

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURAU, René. *A análise institucional*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

POEMAS E POESIAS

CAPÍTULO 12

COLCHA DE RETALHOS

Bianca da Silva Nunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613031>

CAPÍTULO 2 4

É MEU

Rafaella Cristina de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613032>

CAPÍTULO 36

ENTRE ESCOLHAS E VÍNCULOS

Juliana Vieira de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613033>

TEXTOS

CAPÍTULO 410

A CAIXA...

Hildegard Soares Barrozo de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613034>

CAPÍTULO 511

COMPILADO INSTITUCIONAL

Beatriz Fileme

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613035>

SUMÁRIO

SUMÁRIO

CAPÍTULO 6 13

CAIXA DE AFECÇÕES E ANÁLISE INSTITUCIONAL

Luana Asturiano da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613036>

CAPÍTULO 7 15

ENTRE IDAS E VINDAS

Jeremias Kalupeteca Joaquim Dambi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613037>

CAPÍTULO 8 17

AFETE-SE (JÁ)

Ana Paula Ribeiro Dôrea

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613038>

CAPÍTULO 9 20

PERSISTIR NO MOVIMENTO: NOTAS DE UMA TRAVESSIA

Arthur Marco Pegoretti da Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4062613039>

CAPÍTULO 10..... 22

VIDA ACADÊMICA E METAMORFOSE: A CONSCIÊNCIA DO NÓ INSTITUCIONAL

Luciana Araújo Lima Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40626130310>

SUMÁRIO

SUMÁRIO

MAPAS MENTAIS

CAPÍTULO 11..... 25

MAPA MENTAL- ANÁLISE INSTITUCIONAL (AI)

Raquel Dias Botelho Borborema

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40626130311>

CAPÍTULO 12..... 28

ANÁLISE INSTITUCIONAL: EXPECTATIVA ANTES E APÓS A DISCIPLINA

Maiara Soares Baratela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40626130312>

PRODUÇÕES LIVRES

CAPÍTULO 13..... 30

A ANÁLISE INSTITUCIONAL NA LEITURA DOS PLANOS DE ATRAVESSAMENTOS EM UM PROCESSO DE CUIDADO: UM CASO PRÁTICO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40626130313>

OAlessia Benizzi

REFERÊNCIAS 38

SOBRE OS AUTORES 39



POEMAS E POESIAS



C A P Í T U L O 1

COLCHA DE RETALHOS

Bianca da Silva Nunes

Itens da Caixa de Afecções: caderno, caneta, aviões de brinquedo, carrinhos de brinquedo, rascunhos de papel.

Amanheci cinco dias ainda no escuro.

Em uma longa rodovia vi o sol brilhar em meio a uma floresta verde brilhante e pássaros gigantes.

Rodovia essa composta por um emaranhado de carros e vidas.

Vidas rotineiras, vidas bagunçadas, vidas repletas de retalhos.

Retalhos esses que forma uma linda colcha?

Sim! Uma colcha de retalhos de Instituições.

Uma sociedade de retalhos de Instituições.

Instituições emaranhadas, rabiscadas, costuradas.

Que transbordam minha cabeça essa semana.

Durante o passar dos dias me descobri Instituinte.

Instituinte dessa sociedade em que vivo.

Redescobri como a autogestão faz parte da minha vida.

E gostei dessa redescoberta.

Nosso viver é um viver político?

Sim, até quando negamos nosso envolvimento como cidadãos atuantes.

Descobri também que até o silêncio possui uma ação analisadora.

Somos e devemos ser agentes dessa análise,

Dessa Socioclínica Institucional.

Agradecida, termino esse simples poema com a certeza de que costurei mais retalhos na minha colcha acadêmica.

Com certeza acrescentarei esse poema no diário de pesquisa da minha vida.



C A P Í T U L O 2

É MEU

Rafaella Cristina de Oliveira

Itens da Caixa de Afecções: consulta médica, foto da irmã, trânsito, roda de oração, cansaço, trabalho.

Desde o fim de semana penso em quão cansativa seria essa semana

Trabalha, estuda, trabalha, estuda

Esquece, esquece amanhã eu resolvo

O amanhã chegou, café de manhã energético de tarde.

Corre, corre você tem médico

2 min de antecedência está bom?

Me deparo com o maior amor da minha vida

Minha irmã está ali me esperando.

Minha irmã, minha família, meu amor

Olhares cansados e amorosos cruzamos

Sinto sua dor, e choro por ela rezo para que esteja no fim

O amor me faz sentir ainda mais sua dor, dói em mim

Que isso esteja no fim.

Ela se faz presente na minha vida
Família é um laço tão forte
Na saúde ou na doença
Estão ali com suor nas mãos através da religião implorando a Deus
Eu aqui peço para que Ele os escute nesse momento de aflição.

Cansada, cansada
Cuidar e cuidar dos seres que não falam
Não falam o que sentem, não falam o que querem
Estou presente aqui por vocês.

Ah a mudança, ela assusta não é?
Me deparo com a lembrança
e percebo o quanto a mudança foi boa
Cansada, mas completa.



C A P Í T U L O 3

ENTRE ESCOLHAS E VÍNCULOS

Juliana Vieira de Moraes

Itens da Caixa de Afecções: Linha de Costura, Conta da internet, foto da família, relógio, blusa da graduação.

Nos caminhos que a vida leva,
Vou costurando meus dias com linha de sentir.
Tem hora que a alma aperta,

tem hora que ela sorri.
Lá de longe, meu chão me chama —
não é só endereço, não.

É abraço antigo, cheiro de riso,
e vontade de recomeço no coração.
Ir morar com amor é coragem.

É dividir parede e silêncio,
é aprender o compasso do outro,
sem perder o passo do que sou por dentro.

Minha família, eu levo comigo —
mesmo quando fico longe.
São presença que pesa e acalma,
é nó e laço, é berço e monte.

Sou feita de cuidado,
mas também de cansaço.
De ternura que acolhe,
e de um tanto de espaço.

Na sala de aula, me dou inteira.
Mas aprendi a me escutar.
Não é só ensinar lição,
é ensinar a se cuidar.

Com os amigos, sou pouso.
Sou gargalhada no fim do dia.
Sou ouvido, ombro, conselho torto,
e uma prece em voz baixinha.

Agora, nessa tal disciplina,
fui me ver com mais clareza.
Sou também instituição:
com regra antiga, com toda essa firmeza.

Mas posso mudar de rota,
posso me reinventar.
Posso dizer “hoje não”,
posso enfim me escutar.

A Juliana de ontem pergunta:

E a de hoje, vai pra onde?

O que ela quer ser agora,
com esse tanto de horizonte?

Guardo perguntas na caixa,
respostas ainda não.

Mas levo firme comigo:

o mundo me toca —

e eu, com amor,

lhe dou a mão.



TEXTOS



C A P Í T U L O 4

A CAIXA...

Hildegard Soares Barrozo de Lima

Itens da Caixa de Afecções: caixa de presente vermelha; recordações do bolo de fubá com goiabada; músicas; minha família; encontros com os colegas; lágrimas, emoções e sentimentos; afetos; caderno e caneta.

Chegou o dia!

Atravessada por tantos conceitos, conhecimentos, movimentos que me fizeram refletir na vida, e como ela de fato é. Como estamos neste mundo e sendo transformados nele e a partir dele?

A disciplina de análise institucional, o bolo de fubá com goiabada, o café presente todas as manhãs, as discussões e as prosas com os colegas, nos transformam e nos afetam dentro de uma organização, enquanto somos atravessadas por muitas instituições, como a saúde, a enfermagem e a escola. Assim vou construindo meu pensamento crítico e reflexivo sobre qual é o meu lugar no mundo.

A música “RESPIRAR”, da banda SCALENE, falou profundamente comigo na véspera deste encontro, exatamente às 21:30h, durante a escrita do texto. Pode ser interpretada como um desabafo... sobre os tempos atuais, em que verdades e instituições estão sendo questionadas e vivendo um movimento de resistência.

O refrão “o que será, o que será?” expressa a incerteza de futuro e a necessidade de aceitar que nada será como antes. Essa aceitação não é vista como algo negativo, mas, sim como uma oportunidade de crescimento e renovação.

Vamos viver o presente!

A vida é mutável, assim como as instituições que nos atravessam.



C A P Í T U L O 5

COMPILADO INSTITUCIONAL

Beatriz Fileme

Itens da Caixa de Afecções: um enovelado de barbante representando o emaranhado de ideias crescentes ao longo da descoberta de AI, uma miniescultura de uma amпуlheta quebrada representando o novo significado que podemos atribuir às coisas, um *post-it* escrito: “você está sendo analisado”, o desenho de um quebra-cabeças em que todas as peças podem ser encaixadas entre si de todos os lados representando as diversas formas diferentes que podemos enxergar uma situação e uma frase escrita à mão num *post-it*: “somos um grito/ engasgado/ preso na garganta do universo”.

Em minha caixa de afecções compilei palavras, formas e objetos que traduzem sentimentos.

Não quis trazer nada muito concreto para não fugir do escopo da disciplina – que, aliás, não era bem o que eu imaginava. A começar por descobrir que de física a instituição em questão não tinha nada, a partir daí, soube na hora que seria um período de (re)aprendizado.

Nomeando, renomeando, achando que compreendi e voltando ao início – algumas vezes!

Como um emaranhado de barbante, assim foi minha avaliação institucional. Seu desenrolar necessitou de paciência e esforço para encontrar o lado certo de cada peça do quebra-cabeças e assim encaixar do melhor jeito, sem ordem, em tentativas coletivas, para formar uma imagem que ainda não conheço.

Num mar de atravessamentos descobri que poderiam ser na verdade (re) nomeados como implicações, e que a negação de reconhecer sobre o caminho percorrido é sobreimplicação.

Um novo vocabulário apreendido, buscando não fazer juízo de valor, respeitando que o processo e toda a estrutura que nela há, com organização própria, costumes, regras – fomos transformando através de incômodos e perturbações, aprendemos a dar voz. Aliás, o que querem os que não querem?

Analisando o instituído sofrer as pressões do instituinte e apreciar as institucionalizações, num ciclo sem fim, sendo analisadora, analisada e analisando.

No fim, a Análise Institucional é pôr óculos, para enxergar o novo, propor o inédito e construir-analisar o que está por vir.



CAPÍTULO 6

CAIXA DE AFECÇÕES E ANÁLISE INSTITUCIONAL

Luana Asturiano da Silva

Itens da Caixa de Afecções: livros, papel impresso, flor.

Durante a disciplina optativa cursada em julho de 2025, a professora Ana Abrahão nos apresentou a “Caixa de Afecções” — um instrumento instigante para auxiliar no aprendizado imersivo dos conceitos abordados. A proposta era simples, porém desafiadora: observar, no cotidiano, situações que nos remetessem aos conteúdos discutidos em sala.

Logo no primeiro dia, à noite, ao chegar em casa após a aula, deparei-me com uma situação que me fez refletir sobre o conceito de *instituição*. Ao ler um livro para meu filho de 4 anos, percebi o quanto a “Instituição Infância” estava presente naquele texto, com suas normas, expectativas e definições do que é certo ou errado. O livro, intitulado *A menina que morava no chuveiro*, de Antônio Prata, narra a história de uma menina de 5 anos, com hábitos típicos das crianças da nossa sociedade — gostar de doces, brincar na areia, pintar, frequentar piscina e festas juninas — mas que, acima de tudo, amava tomar banho. Esse gosto, incomum entre crianças (para quem o banho costuma ser visto como obrigação e interrupção da brincadeira), é retratado no livro como algo extremamente prazeroso. Nesse sentido, a obra cumpre o papel de moldar valores e normas instituídas, transformando uma tarefa rotineira em algo socialmente desejável.

Outra experiência que me remeteu aos conceitos de *instituído* e *instituinte* foi a participação, como ouvinte, de uma *live* intitulada “Diálogos sobre o Parto Domiciliar Planejado e o Papel das Universidades nesse Cenário”. O evento, aberto à sociedade, discutia o caso Zeza e Ricardo Jones e a perseguição a profissionais atuantes no parto domiciliar planejado, bem como a defesa da autonomia da mulher. Como enfermeira obstetra atuante nesse contexto, reconheci-me

imediatamente como parte de um movimento instituinte, já que o modelo de assistência ao parto domiciliar planejado é, hoje, contra-hegemônico. Vivemos em um cenário obstétrico brasileiro médico-centrado, marcado por intensa medicalização e hospitalização — pilares do sistema cesarista — e no qual a autonomia dos profissionais que atuam no parto domiciliar é constantemente ameaçada, especialmente pelos conselhos de medicina. Assim, enquanto o parto hospitalar segue como modelo instituído, o parto domiciliar se afirma como movimento instituinte. Mas percebo que nem sempre foi assim — e justamente aí está o dinamismo desses conceitos.

Essa reflexão também surgiu ao revisitar o livro *Parto Ativo*, de Janet Balaskas, que propõe devolver o protagonismo do parto à mulher. No contexto atual, essa perspectiva se revela quase subversiva, pois o modelo instituído é o da medicalização e do foco na assistência como centro do processo, e não na parturiente. Essa constatação me levou a lembrar de uma fala de um médico, que afirmou que seu “maior terror” era atender uma mulher “que deseja parir a qualquer custo”. Tal colocação me pareceu incoerente, pois sugere irresponsabilidade por parte da gestante, quando, na verdade, o parto normal — se adequadamente assistido — oferece menores riscos para mãe e bebê. Nunca encontrei mulheres dispostas a arriscar a vida de seus filhos deliberadamente, mas já testemunhei inúmeros profissionais sustentando condutas ultrapassadas e sem respaldo científico, como indicar cesárea sob justificativas falaciosas (ex.: “cordão enrolado”, “gestante muito baixa”, “pelve estreita”, “muito magra” ou “obesa”). Essa fala reforça como o instituído se perpetua: pela repetição e defesa de suas próprias bases.

Outro momento marcante, que também identifiquei como movimento instituinte, foi um chá de bênçãos organizado para uma amiga e colega de equipe, gestante. Reunimos amigas e familiares para criar um momento de conexão dela com o bebê, reconhecendo-a como mulher amada e valorizada em um período de vulnerabilidade física e emocional. Essa iniciativa, que contrasta com a lógica social de invisibilizar a mulher e focar apenas no bebê, representou um gesto coletivo de cuidado entre mulheres — algo cada vez mais raro na sociedade marcada por competição e individualismo.

Através dessas experiências, registradas na minha “Caixa de Afecções”, percebo como os conceitos da Análise Institucional se materializam no dia a dia e dialogam diretamente com minha trajetória acadêmica e profissional. Essa proposta metodológica ampliou minha percepção sobre como as instituições se imbricam na vida cotidiana e se perpetuam, moldadas pelas ações e resistências dos grupos implicados.



C A P Í T U L O 7

ENTRE IDAS E VINDAS

Jeremias Kalupeteca Joaquim Dambi

Itens da Caixa de Afecções: caderno, caneta, receituário médico, exames.

Durante a semana da aula sobre os conceitos de Análise Institucional, fui atravessado com muitas afetações.

Nessa semana eu me encontrava em consultas médicas, ou seja, traves dos agendamentos de exames e consultas e por feliz coincidência também tive a disciplina no mesmo horário, de segunda a terça-feira. Na segunda-feira por exemplo tive que sair antes do término deixando a minha bolsa na sala.

Estava implicado com a disciplina, embora que uma eu conseguiria, terminaria cedo, como não bastasse ainda as consultas e exames, mas mesmo assim foi uma semana muito desafiadora, na qual descobri que eu fazia parte como Instituinte, posteriormente passei a ser instituído e os nossos encontros com acadêmicos gerou uma institucionalização.

A minha caixa de afecção surgiu do que eu vejo, o que eu penso do que vejo e o que eu faço do que penso e o que vejo. Partindo dessa teoria, fiquei afetado pela forma como a sala ficou montada em forma de mesa redonda, aquilo me simbolizava a equidade, até a professora esteve na roda, sinal de humildade, equidade e irmandade, sendo de fato um instituído.

Outrossim foi uma professora que nos deu aula na quarta-feira que teve a iniciativa de solicitar a cada estudante apresentar-se falando da motivação de escolher a profissão. Isso fez-nos relembrar o passado, tanto é que tem um colega que acabou se emocionando ao lembrar a história! Foi uma iniciativa louvável que acabou sendo marcante naquele dia para mim.

Entretanto, durante a semana tive três cessações. Instituinte pelo fato de processos que estavam a fazer o atravessamento; instituído pela família da sala, da classe profissional; implicado pelos exames, doença e consulta médica. De igual modo tive ansiedade, dor, vontade de entender o máximo a disciplina, visto que era pela segunda vez.



C A P Í T U L O 8

AFETE-SE (JÁ)

Ana Paula Ribeiro Dôrea

Caixa de afecções: música, folha, café, pinguim de pelúcia, teia de aranha e TCC.

Fico olhando para essas palavras, objetos, escritas, sentidos, cheiros, modos de ver, de ser e de se fazer existir. Fico também lembrando da sensação, quando fui convidada a encher a minha caixa, da sensação de querer que tudo aquilo que está ao meu redor me afete. Na verdade, já me afetava, me afetou e continuará me afetando, mas no dia a dia, na correria, na pressa, na necessidade do agora, do já, do para ontem, nem percebo o quanto aquilo me compõe. Nem percebo que uma folha da árvore deste estacionamento da escola de enfermagem de Ribeirão Preto, da qual faço parte há seis anos, me faz pensar muito além do que apenas na sua cor ou na sua aparência.

Olhei para cima, e lá estavam centenas de outras folhas, ligadas entre si, entre os galhos, entre os troncos, entre os pássaros, os macaquinhos. Olho para baixo, vejo outras dezenas de folhas se secando, secando a si mesmas. Vejo elas voando para longe daquilo que já pertenceram. Vejo-as longe de sua rede, das suas ligações, daquilo que as oferece vida e cor. Isso me lembra as teias de aranha da minha casa, já que dentre as minhas amigas eu sou a única que consegue enfrentar o aracnídeo, mas não por coragem, mas por alguém me passar essa responsabilidade.

Olhei para aquela teia, sentei no sofá, bem diferente do que eu costumo fazer. Fiquei olhando o entrelaçado, os fios se possuindo ao passo que se fazem ser possuídos. Pensei na resistência enquanto aquela aranha se move, é, nesse movimento constante, dinâmico, bom, no movimento, mas também lembrei do quanto ela se vai quando outro processo precisa ser concretizado, mesmo que

antes fizesse sentido. Lembrei das fraquezas, das lacunas, daquilo que muda e que precisa ser mudado.

Quando penso em mudança, lembrei da minha avó e de mim e da minha família que não a tem mais. Lembrei de mais um mês sem ela. Lembrei disso toda as vezes que enchi a xícara do café que a minha amiga fez para saborearmos enquanto víamos cada aula, lembrei do cheiro que eu sentia com o seu café, lembrei de rir da coragem que ela tinha ao engolir algo tão quente quanto a lava de um vulcão, lembrei dela, lembrei de como me pareço tanto com ela, lembrei de como me fiz a partir dela, com ela. Lembrei da saudade de olhá-la e tê-la. Lembrei também da família, ao passo que fui deixando-me afetar pelo luto, também fui afetada pela força deles.

Me afetei positivamente, mas outras nem tanto. Lembrei do meu irmão, amanhã (hoje) ele irá defender o seu trabalho de conclusão de curso, um trabalho que eu ajudei a construir, isso me faz lembrar das bonecas e bichinhos de pelúcia que eu achei que estava ensinando, sem nem saber que estava aprendendo. Lembrei do pinguim de pelúcia que ganhei de uma amiga no meu exame de qualificação do mestrado, lembrei das amizades, dos laços e de como aquele amiguinho faz muito sentido. Pra mim, ajudar ele com algo tão importante é relembrar da minha escolha em seguir essa trajetória, ver que me faço presente além do que eu amo, além da enfermagem.

Na pesquisa, consegui pertencer ao mundo da biologia e do meu irmão. É lindo. Lembrei que no ensino fundamental escrevi uma carta pra ele, uma das frases dizia que eu apostava todas as minhas fichas nele. Que bom. E que maravilha fazer parte disso. Que maravilha vê-lo se tornando professor também. Eu me afeto em aprender com o outro, em participar da formação do outro e com isso fazer a minha, construir com quem constrói. Eu me apaixono, me enlouqueço. Sinto falta de coisas que ainda nem vivi como professora, como enfermeira, como pessoa, como mulher, como amiga, como família.

E com tudo isso, me lembro da música de uma das minhas bandas favoritas, Lagum, “Eterno agora” – *mas não me sinto só, vejo sentido em tudo [...] eu quero mais da vida [...] andei olhando pra trás e tropecei no futuro*. Olho pra essa música, escuto-a lembrando que, agora, consigo pensar em entender melhor para onde estou indo, a partir daquilo que um dia fez sentido lá trás. Que não seja estático, que o desejo pelo novo seja maior que o medo do desconhecido. Que ele se faça presente. Que ele transforme. Que ele guie. Que ele quebre e construa. Que seja tudo aquilo que precisar ser. E que quando não precisar mais, que seja tudo aquilo para o que precisar nascer.

vivendo esperando

tendo pertencendo
amando chorando
sendo fazendo.
olhando pra dentro
ao passo que dentro estou
fazendo seguir
mesmo que o seguir se negue
lembrando do passado
vivendo o hoje
e esperando o depois.
Me fazendo no todo
com todo
para o todo
pelo todo.



CAPÍTULO 9

PERSISTIR NO MOVIMENTO: NOTAS DE UMA TRAVESSIA

Arthur Marco Pegoretti da Cunha

Caixa de afecções: insegurança; medo; dualidade; pão de queijo; laços; relações pessoais; desenvolvimento pessoal.

Durante a semana da disciplina, fui atravessado por uma série de sentimentos, ideias, inquietações e situações que compõem minha caixa de afecções.

A insegurança e o medo marcaram os primeiros momentos, medo de não compreender, de não acompanhar, de não “dar conta”. Mas, ao mesmo tempo, senti um movimento de transformação que me mostrou que a sensação de estar perdido também é parte do processo.

Compreendi que as instituições não são apenas estruturas isoladas, mas redes vivas de atravessamentos e as dualidades que nos foram apresentadas durante a semana me impactaram profundamente.

Em vários momentos, senti o anseio de não conseguir, mas também fui tomado por novos aprendizados, trocas e desafios. Percebi que nosso posicionamento, mesmo quando se pretende neutro, é também uma forma de implicação. E a vida institucional é atravessada por inconstâncias, contradições e pela constante produção e reprodução de sentidos.

Um momento que simbolizou muito foi o encontro com a professora Cinira. No dia da sua aula fui para o laboratório e conversamos, rimos, comemos pão de queijo, tomamos café e tiramos uma foto em grupo. Esse instante leve, simples e afetivo funcionou como um catalisador, revelando o quanto os afetos constroem os vínculos que sustentam o saber e como o aprendizado também acontece **no entre**: no intervalo, no café, na escuta.

A frase que ecoou na minha cabeça durante esta semana foi: “Você acha que está entendendo a Análise Institucional, mas não está entendendo nada, e isso é o processo”.

Essa provocação me tocou de forma sincera. A Análise Institucional não busca certezas, ela deseja movimento, envolvimento e implicação.

No fim, entendo que persistir no movimento nos permite chegar a lugares que não sabíamos que iríamos. Mesmo quando é difícil, continuar se implicando é o que nos resta.

Minha vida, assim como as instituições, se forma e se transforma constantemente.

E talvez a maior função da minha caixa de afecções não seja explicar, mas revelar: o que me toca, o que me incomoda, o que me move.



CAPÍTULO 10

VIDA ACADÊMICA E METAMORFOSE: A CONSCIÊNCIA DO NÓ INSTITUCIONAL

Luciana Araújo Lima Machado

Itens da Caixa de Afecções: café, caneca de água, filho na pista de skate, jantar em família, *blog*, cachecol, bolo de fubá, livro, espaço no centro da juventude, meia, música, foto da sapateira, “metamorfose”.

No fim, como diria Raul Seixas, somos mesmo uma METAMORFOSE AMBULANTE.

Eu não estava preparada para a AÇÃO ANALISADORA da disciplina de Análise Institucional. Afinal, para quem lê o nome da disciplina pela primeira vez, entende que vamos analisar a INSTITUIÇÃO, que hoje, após a FORÇA INSTITUINTE do conhecimento, a dita “minha instituição” mudou de categoria, passa a ser nomeada ESTABELECIMENTO.

Não... não foi uma semana qualquer. Ao contemplar os conceitos aprendidos nas aulas, entre o desconforto e a euforia pelo novo, vivenciei fatos que me revelaram a experiência sobre estar IMPLICADA.

Em um momento, ao ler o livro de cabeceira, me enxerguei NAQUELA VELHA OPINIÃO FORMADA SOBRE TUDO”, fui a própria FORÇA INSTITUÍDA. No outro, durante o diálogo com o meu marido, me transformei na FORÇA INSTITUINTE, e me vi questionando sobre tudo.

Percebi que caí no conto da NEUTRALIDADE. Mesmo defendendo que a simples observação já era uma interferência no cenário de minha pesquisa, não me dei conta de como estava SOBRE IMPLICADA.

Estamos, de fato, em processo de METAMORFOSE. Ao transformar nosso conhecimento, nos conhecemos e reconhecemos, e nos transformamos novamente. Tornei-me consciente das várias INSTITUIÇÕES que estão em mim: família, maternidade, escola, pós-graduação, ensino, pesquisa, trabalho... impossível enumerar. Vamos nomeando a partir das vivências e dos contextos

em que nos encontramos e, para não cair na armadilha do automático, ou seja, do que já foi INSTITUCIONALIZADO, provocamos uma ANÁLISE DE IMPLICAÇÃO: seria possível um antídoto para a perspectiva binária em nossa sociedade?

Sim, somos seres compostos de infinitas possibilidades e potências e que incrível pode ser a vida na descoberta desse processo, pois de acordo com Raul “É CHATO CHEGAR A UM OBJETIVO NUM INSTANTE”.

E nesse diálogo eterno, a entropia é a única certeza. O caos domina o campo da RESISTÊNCIA e tem horas que eu “NEM SEI QUEM SOU”. E para quem estava preso entre o MOMENTO OFENSIVO E DEFENSIVO, sinto informar, ainda podemos ter o INTEGRATIVO. Não há preferências, são apenas momentos diferentes de um mesmo fenômeno.

Para quem gosta do status quo, torce pelas FORÇAS DE AUTODISSOLUÇÃO e não vê a hora da INSTITUCIONALIZAÇÃO. Agora, quem curte a IMPLICAÇÃO, seja bem-vindo à pós-graduação.



MAPAS MENTAIS



CAPÍTULO 11

MAPA MENTAL- ANÁLISE INSTITUCIONAL (AI)

Raquel Dias Botelho Borborema

Itens da Caixa de Afecções: ônibus, pôr do Sol, lar, livros e um boneco que representa o filho adolescente.

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ANÁLISE INSTITUCIONAL

- **Origem e Natureza: França, maio de 1968** (o ano que não terminou, liberdade individual, pós-guerra, milagre econômico, movimento negro, ambiental, homossexual e luta feminista) – Lourau.
- **Instituição:** a instituição não é uma “coisa observável” ou um “prédio”, mas sim uma dinâmica contraditória que se constrói na (e em) história, ou tempo. Essa dinâmica está em constante movimento, jamais em imobilidade. Até instituições como a Igreja e o Exército estão sempre em movimento, embora essa impressão possa não ser imediata.
- **Instituído e Instituinte**
 - **Instituído:** forças de **imobilidade e permanência**. Atua com violência para produzir imobilidade.
 - **Instituinte:** forças de **transformação, mobilidade e criação**.
 - **Institucionalização:** é o produto contraditório do instituinte e do instituído em luta permanente.
- **Afecções**
 - Afeta o corpo e tenta extrair o significado
- **Implicação**

- Noção proposta pela AI que **questiona a objetividade e neutralidade** na pesquisa.

- Envolve o **conjunto de vínculos e relações** mantidas com e nas instituições.

- Exige que o **pesquisador se coloque em análise** e analise suas próprias implicações.

- **Analisadores**

- Elementos que **aparecem a partir da intervenção** e **sinalizam a existência de aspectos ocultos ou de contradições**.

- Constituem-se como **meio de análise**.

- **Subjetividade**: a Socioclínica Institucional **valoriza a subjetividade dos envolvidos** em todo o processo da pesquisa.

- **Métodos**: intervenção socioanalítica, análise institucional das práticas profissionais, pesquisa-ação, e investigação socioanalítica.

- **A Família - Instituição**

- A instituição, na visão da AI, não é uma “prédio” ou algo objetivo, mas uma **dinâmica contraditória** que se constrói na história e no tempo. A família, com suas próprias regras, movimentos e dinâmicas, pode ser compreendida nesse sentido.

- Assim como a Enfermagem é uma Instituição que opera no campo da saúde, atravessada por fluxos processuais que movimentam o instituído e o instituinte, a **família também é atravessada por fluxos** sociais, políticos, de gênero, culturais, subjetivos que geram resistência ou avanço.

- **Viagem de Ônibus – cansativo, dolorido, reflexões, evoca sentimentos**

- **Pôr do Sol – Subjetividade, evoca sentimentos, reflexões, memórias**

- **Chegar em casa**

- As Contribuições da Análise Institucional

- Produção Coletiva e Troca de Saberes

- Valorização da Subjetividade

- O Papel do Pesquisador que não é neutro

- **O que querem os que não querem**

- **Ir e vir várias vezes**

- **Diário**

Objetivo registrar, refletir e analisar vivências, acontecimentos, contradições, discursos e práticas do cotidiano de uma instituição.

- **Só sei que nada sei**



CAPÍTULO 12

ANÁLISE INSTITUCIONAL: EXPECTATIVA ANTES E APÓS A DISCIPLINA

Maiara Soares Baratela

Itens da Caixa de Afecções: a minha caixa de afecções foi composta basicamente com as minhas impressões em relação à análise institucional após ter cursado a disciplina oferta. As aulas e a dinâmica do grupo me ajudaram a compreender melhor a metodologia que somente com leitura dos artigos estava abstrato.





PRODUÇÕES LIVRES

A ANÁLISE INSTITUCIONAL NA LEITURA DOS PLANOS DE ATRAVESSAMENTOS EM UM PROCESSO DE CUIDADO: UM CASO PRÁTICO

OAlessia Benizzi

Itens da Caixa de Afecções: quando pensei em meu projeto final para o programa de Análise Institucional, identifiquei o processo a ser investigado no fluxo de cuidado em que estou envolvida, tanto em uma perspectiva pessoal e familiar, com relação a idosos frágeis sob meu cuidado, quanto na minha pesquisa, que explora as possibilidades de autodeterminação de pacientes idosos egressos do hospital e a capacidade dos serviços sociais e de saúde de interpretá-las. Sendo esse um processo existencial profundamente enraizado em mim, escolhi a linguagem artística para expressar primeiramente os “afetos” que me atravessam, particularmente durante os dias de análise propostos. A figura central, a primeira que criei, indica um corpo em forma de espiral em movimento (EU), em posição forte e central, que é atravessado por diferentes afetos, que operam tanto transversalmente, produzindo novas oportunidades de equilíbrio, como a natureza (no canto superior direito representei alguns elementos da paisagem que atravesso diariamente em longas caminhadas com meu cachorro, que exerce uma poderosa função de autorregulação para mim) quanto à esquerda, que representa o lugar onde eu acabava de chegar pouco antes da realização dessa aquarela, e representa a paisagem toscana, um afeto positivo como Espinosa o definiria, capaz de fortalecer minha força vital e manifestar sua essência. Então, na parte inferior da folha à direita, os dois corações são as pessoas que amo e cuido, minha mãe e minha tia, e à esquerda, um livro que responde iconograficamente à minha experiência acadêmica e de pesquisa.

No presente trabalho me proponho analisar, através da abordagem codificada na análise institucional, o processo de cuidado que estou vivenciando em vários aspectos. René Lourau, uma eminente figura da Análise Institucional, em abril de 1993, explora, num ciclo de aulas da UERJ, as contradições fundamentais que animam a análise institucional, como a que existe entre instituído e instituinte, e

entre autogestão e heterogestão, sustentando que a ciência não pode ser neutra e deve reconhecer as implicações dos pesquisadores.

O que mobilizou num primeiro tempo minha reflexão foi a conexão que existe com os meus agenciamentos emocionais, por isso realizei uma produção artística que permitiu ser atravessada pela minha emotividade possibilitando assim a definição visual dos campos, prioridades e atravessamentos que convivem no meu agir. Isso me possibilitou refletir sobre o tema do cuidado, onde a teoria da análise institucional me auxiliou na leitura de desejos e contradições que atravessam minha ação de cuidado em relação aos meus familiares frágeis (em particular minha tia com demência e minha mãe idosa, deprimida) ressaltando quanto isso atravessa minhas práticas de autocuidado, enquanto cuidadora por minha vez, e em segunda instância o quanto essas práticas se tornam elementos autorreflexivos em vários âmbitos existenciais. Na minha produção criativa/emocional com aquarela, se destaca o papel da organização da minha pesquisa de doutorado, pois se desenvolve em torno do tema do fluxo de cuidado para o usuário frágil no processo de retorno ao território de vida após altas hospitalares difíceis (na Itália este instituto de saúde coletiva é denominado altas hospitalares protegidas). Esse fluxo de cuidados pós-hospital prevê a ativação e a integração daqueles serviços sanitários e socio sanitários, que devem acompanhar o paciente em seu retorno ao domicílio após um evento grave de crise hospitalar. Essa análise responde à necessidade de uma criatividade crítica no processo de pesquisa. A Análise Institucional torna-se uma lente para observar e analisar as dinâmicas. Nesse sentido, René Lourau, praticante consciente e crítico da Análise Institucional, propõe uma abordagem que transcende a visão comum das instituições como simples estruturas ou edifícios.

Para Lourau, a instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória que se constrói no tempo e na história. Essa perspectiva dialética, que reconhece a luta permanente entre forças estabilizadoras e de transformação, revela-se particularmente fértil para analisar a complexidade do mundo do cuidado. A análise institucional, longe de ser uma disciplina monolítica, baseia-se na multirreferencialidade, utilizando diversos métodos e conceitos existentes para construir um novo campo de coerência. Essa abordagem torna-se crucial para compreender minha dupla imersão no cuidado, que intersecta as dimensões acadêmicas, clínicas, sociais e pessoais. No centro da Análise Institucional se encontra a noção de implicação, considerada quase um escândalo em relação à suposta neutralidade de muitas ciências. Enquanto quase todas as disciplinas se baseiam na ideia de não implicação ou desimplicação, a Análise Institucional se coloca como elemento de prolongamento do dito escândalo psicanalítico, insistindo no fato de que o pesquisador, o profissional ou o indivíduo estão sempre envolvidos, politicamente, libidinalmente e materialmente, no processo que estudam ou vivem.

Essa consciência é fundamental para uma análise autêntica, pois leva a examinar não apenas os outros, mas também a si mesmos. As contradições fundamentais da Análise Institucional no cuidado se articulam em torno da lógica da contradição, uma lógica dialética que rejeita o pensamento identitário. Essas contradições não são fraquezas, mas a própria base da teoria, pois a análise institucional funciona apenas dentro delas.

No universo do cuidado, que é meu caso de análise, a contradição entre coerência e multirreferencialidade se produz na minha qualidade de doutoranda, em que sou chamada a produzir uma pesquisa coerente dentro dos paradigmas universitários e da saúde coletiva. Ao mesmo tempo, meu papel de cuidadora me impulsiona para uma multirreferencialidade de saberes (médicos, sociais, emocionais, pessoais) que nem sempre se alinham com a rígida coerência acadêmica. Leio, portanto, que o desafio é integrar essas diferentes perspectivas sem cair em uma mera coleção de disciplinas justapostas. Prosseguindo na leitura da contradição entre Instituído e Instituinte, nos deparamos em instituições que não são algo estático, mas um campo de forças em tensão entre si. O instituído na minha realidade de doutoranda inclui as normas acadêmicas, os protocolos existentes nas organizações sanitárias, desde o hospital até o território, ou seja, a casa do paciente, onde ele volta acompanhado pelos serviços que deveriam ler de forma integrada suas necessidades no percurso desenhado com as altas protegidas; e tem a estrutura hospitalar e a organização da saúde pública.

Na instituição família, o instituído compreende os papéis familiares tradicionais, as expectativas culturais ligadas ao cuidado de idosos, e os modelos de comportamento enraizados que geram o equilíbrio precário da minha mãe de um lado, e da minha tia, ligado à minha posição de tutora. Lourau afirma que o instituído, o status quo, age com um jogo de forças extremamente violento para produzir uma certa imobilidade, e isso pode ser observado tanto nas rigidezes burocráticas do sistema sanitário quanto nas inércias emotivas das dinâmicas familiares. O Instituinte é a força de transformação que vivo cotidianamente nos desafios que meu percurso de pesquisa me apresenta, como tentativa de inovar a continuidade assistencial e de introduzir disciplinas inusitadas neste campo, como a filosofia, para suscitar novas questões voltadas para investigar macro e micropolíticas de saúde, identificando olhares e oportunidades de apoio para escutar voz do paciente, e preservar sua autodeterminação. A nível pessoal, a instituinte representa minhas tentativas de negociar novos equilíbrios familiares, de adaptar meus papéis de cuidadora às necessidades mutáveis do contexto, e de enfrentar os medos recorrentes que ameaçam a estabilidade familiar. Esse é um processo de luta permanente contra o status quo. A institucionalização é o processo através do qual as formas sociais vêm a ser. Minha pesquisa, quando concluída, poderá ser reconhecida e publicada,

institucionalizar-se-á no saber acadêmico, e isso poderia traduzir-se para o sistema socio-sanitário em uma possibilidade instituinte em relação ao instituto das altas hospitalares protegidas.

No contexto familiar, minha posição de tutora e as dinâmicas de cuidadora são formas de institucionalização das relações. No entanto, Lourau sublinha a presença constante, muitas vezes invisível, de forças de autodissolução. No contexto do cuidado de idosos, a autodissolução pode manifestar-se no fracasso dos sistemas de assistência, no esgotamento do cuidador, ou na ruptura de laços familiares devido ao estresse.

Na análise institucional tem uma contradição; entre autogestão e heterogestão. Essa é uma das contradições mais politicamente carregadas para Lourau. A heterogestão é a condição cotidiana em que somos geridos por outros, aceita muitas vezes como natural. Como doutoranda, um elemento de heterogestão que necessariamente vivo é o das regras universitárias, dos requisitos que minha pesquisa deve respeitar e das expectativas do corpo docente em vários níveis envolvidos. Como cuidadora resulto parcialmente (e muitas vezes inconscientemente) heterogerida pelas necessidades de minha mãe e tia, pelas exigências emocionais e práticas que me levam a sacrificar minha própria autonomia (na aquarela que produzi para acessar, em primeiro lugar, meus movimentos instituintes mais íntimos, posicionei de fato no centro do campo uma espiral em movimento, que me representa, e à volta, as diversas organizações externas, a familiar, a Academia e as práticas de autorregulação que se revelaram fortes como possibilidades instituintes, ou pelo menos eu as vivo como tal, tendo-as colocado na parte superior da folha, em posição forte). Lourau define a aceitação da heterogestão como alienação. A ciência política e as ciências econômicas, segundo ele, tendem a considerar a heterogestão natural, como se houvesse duas raças de seres humanos: os dominantes e os dominados. A autogestão, motor do projeto político da análise institucional, é uma tentativa de inventar a própria gestão, ainda que muitas vezes exista em uma contradição total com a vida cotidiana heterogerida. Na minha pesquisa, busco espaços de autonomia na escolha metodológica (ao fazer dialogar práticas, como a cartografia sentimental de Suely Rolnik e as reflexões bioéticas e de responsabilidade coletiva em saúde do filósofo Hans Jonas). No papel de cuidadora, a autogestão significa encontrar estratégias para recuperar o meu próprio espaço, saúde mental, e nas tentativas voltadas para envolver minha família em uma gestão mais compartilhada do cuidado, mesmo que esta seja uma construção política permanente e não um estado alcançado de uma vez por todas. Lourau fala de autogestão-artifício como instrumento de análise, o que sugere que mesmo pequenas tentativas de autogestão podem revelar as dinâmicas ocultas da heterogestão.

Posso identificar como o cerne da aplicação da análise institucional ao meu caso concreto, a contradição entre implicação e neutralidade/objetivismo. A ciência, incluindo minha pesquisa de doutorado, muitas vezes exige uma neutralidade e uma objetividade. As teorias do cuidado e da saúde coletiva podem apresentar-se como neutras, mas a análise institucional insiste na inevitável implicação do pesquisador. Enquanto pesquisadora, estou implicada na produção de saber, e essa implicação não é apenas econômica (financiamento, carreira) mas também libidinal. O fato de eu ser simultaneamente uma pesquisadora e uma cuidadora torna minha implicação não apenas teórica, mas visceralmente concreta. A voz interior que acusa o pesquisador de pouca profundidade, se ele não adota um olhar de neutralidade é particularmente ressonante para quem, como eu, vive a pesquisa por dentro, com uma carga afetiva imensa.

Se for visto com o método da socioanálise, o cuidado é uma intervenção e um dispositivo; não é uma mera sociologia do discurso, mas uma sociologia de intervenção em que o pesquisador é ao mesmo tempo técnico e praticante. Minha pesquisa sobre a continuidade assistencial, embora acadêmica, pode ser vista como uma intervenção socioanalítica, dado que se compõe de uma consistente parte dedicada à análise de campo (com entrevistas em profundidade, observação etnográfica e pesquisa-ação). O conceito de dispositivo é fundamental nesse contexto. Na minha pesquisa, o dispositivo pode ser a estrutura da própria pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, as entrevistas, os grupos focais. Lourau afirma que o dispositivo é um instrumento de análise extraordinário, capaz de encenar uma situação coletiva para analisá-la. Por exemplo, uma entrevista com os profissionais de saúde ou uma troca sincera com meus familiares idosos, longe de ser uma mera troca de informações, é um dispositivo que pode revelar dinâmicas ocultas. Crucial é a distinção entre perguntas (demandas) e encomendas. As perguntas são as instâncias individuais ou de grupo (dos idosos, de seus familiares, dos profissionais de saúde) que emergem da realidade do cuidado. A encomenda, por sua vez, é a tradução dessas diversas perguntas em uma solicitação formal para a intervenção socioanalítica. Lourau sustenta que desde o início há, portanto, uma traição de tais perguntas no processo de formulação da encomenda. Esse é um ponto de profunda reflexão para mim: em que medida minha encomenda, ou seja, o estudo das altas protegidas, trai ou até reorienta as perguntas mais imediatas e concretas dos idosos frágeis e de seus cuidadores familiares? A socioanálise se propõe a tornar público esse segredo do processo de encomenda, revelando os conflitos e os interesses em jogo. As resistências à socioanálise são um fenômeno comum. Por isso minha pesquisa me leva a identificar em vários pontos do sistema sanitário (burocracia, inércia), dos profissionais (medo de ser julgado), ou até mesmo dos idosos e de suas famílias (cansaço, desconfiança) esse tipo de resistências.

Prosseguindo minha reflexão sobre meu trabalho de pesquisa, entendo que este, cada dia mais vem revelando o invisível. Não se trata de uma simples informação ou de um ato caritativo, mas de uma atividade intrínseca à pesquisa, um *feedback* fundamental. Consiste em falar de coisas que, em geral, são deixadas na sombra, a fala institucional que não pode ser ouvida de forma pública.

No meu papel de doutoranda, por exemplo, a restituição não deveria limitar-se a publicar artigos acadêmicos ou a tese final, mas considero que implica a atitude cotidiana de engajamento em relação a cada microação que compõe meu projeto de pesquisa, as relações que se criam com o pessoal médico e socio sanitário, bem como, logicamente, com os pacientes, que implicam, mais uma vez, a necessidade de engajamento. Lourau critica a etnologia colonialista que não restituía o saber às populações estudadas, e da mesma forma, minha pesquisa quer prever vários momentos de restituição concreta, pessoal e implicada aos idosos, aos seus cuidadores e aos profissionais de saúde. Isso significa apresentar os resultados em uma linguagem acessível, discutir as implicações práticas e, idealmente, permitir que a população estudada se aproprie de uma parte do *status* do pesquisador e se torne uma espécie de pesquisador-coletivo. É a socialização da pesquisa. A nível pessoal, meu papel de cuidadora é impregnado de segredos e não ditos, de emoções que não encontram espaço no discurso público ou profissional. Aqui entra em jogo o diário de pesquisa, entendido não apenas como instrumento para o estudo, mas como forma de escrita fora do texto. Esse diário, revelando as minhas implicações enquanto pesquisadora e a vivência de campo cotidiana, desafia a suposta neutralidade científica e a hipocrisia institucional. O uso de um diário pessoal sobre minha experiência de cuidadora revela aspectos íntimos que as instituições culturais e acadêmicas tendem a censurar. A resistência burocrática manifesta-se também em esconder os aspectos emocionais e pessoais do cuidado, preferindo um discurso mais objetivo ou clínico. Torna-se então particularmente potente a possibilidade de captar, com a ação de registrar esses movimentos, quais são as autocensuras sejam na escrita, assim como na minha maneira de falar da minha experiência, e isso pode revelar a pressão para não revelar a verdade incômoda que trai o segredo da produção intelectual ou da gestão familiar.

Lourau salienta que a escrita do diário constrói e se apropria de realidades, em um movimento especular, e permite uma reflexão própria do escrever. Esse processo de escrita em forma de diário, que comecei relativamente há pouco tempo, está me ajudando a desnaturalizar as construções científicas, em particular o mito da neutralidade. Escrever sobre como foi feita a pesquisa e como foi vivida a cura, é um modo de contrastar a ilusão gerada pela leitura asséptica dos resultados finais.

A dupla posição de doutoranda e cuidadora me coloca, então, no debate sobre o intelectual implicado. Lourau distingue esse novo tipo de intelectual do

orgânico de Gramsci ou engagé de Sartre, que muitas vezes esquecem de analisar as implicações do seu engajamento. O intelectual implicado, cujo projeto político inclui transformar a si mesmo e o seu lugar social a partir de estratégias de coletivização das experiências e das análises, me leva a refletir sobre possíveis desenvolvimentos do meu percurso de pesquisa.

Minha pesquisa sobre o fluxo da continuidade assistencial pode revelar lapsos da pesquisa (atos falhos) do sistema, mas também minha experiência de cuidadora pode ser vista como uma produção contínua de atos falhos dos quais emergem novas compreensões. Lourau desafia a ideia de que a análise institucional seja apenas uma teoria a ser aplicada a uma realidade. A pesquisa é uma criação permanente, que exige interrogar conceitos, criticá-los e nunca meramente aplicar os referenciais teóricos de onde partimos, mas colocá-los constantemente em discussão.

Este é o coração da imaginação socioanalítica: não se contentar com métodos prontos, mas enfrentar a pesquisa com dúvidas e não certezas prévias, valorizando a criatividade (imaginação) como atitude diante da pesquisa.

Considero que essa perspectiva seja relevante para minha pesquisa sobre a saúde coletiva (que é intrinsecamente ligada às políticas estatais) e para minha experiência de cuidadora (leis sobre a tutela, serviços sociais, normas implícitas sobre o cuidado familiar). Até mesmo a família, embora pareça uma esfera privada, é profundamente estatizada em suas dinâmicas e em suas obrigações. Finalmente, minha experiência de doutoranda na universidade me coloca no centro das dinâmicas de institucionalização da própria ciência. Lourau reflete sobre as dificuldades da análise institucional de ser aceita no mundo acadêmico, com a acusação de exibicionismo ou de querer rentabilizar a própria subjetividade. Meu esforço de integrar minha experiência pessoal (o *caregiving*) na minha pesquisa acadêmica colide com a legitimação do texto institucional, que muitas vezes exclui o íntimo e o subjetivo. Dessa forma, a autocensura torna-se um mecanismo de adaptação a essas regras implícitas do capitalismo acadêmico, no qual o prestígio se mede mais pela quantidade do que pela qualidade prática do trabalho.

Chegando agora para as reflexões conclusivas deste percurso, a Análise Institucional pode me oferecer um poderoso arcabouço para decifrar as complexas e muitas vezes dolorosas dinâmicas que me envolvem.

- O conflito entre a objetividade buscada na tese e a subjetividade ineludível da minha experiência de cuidadora torna-se o terreno privilegiado de análise, não um obstáculo a ser superado, mas sim a própria essência da noção de implicação.

- As instituições universidade/sistema de saúde e família não são entidades separadas, mas sim como campos de forças que se influenciam reciprocamente. O modo como as altas protegidas são concebidas e implementadas no sistema de saúde se reflete nos desafios que minha mãe e minha tia enfrentam, e vice-versa, minhas dificuldades como cuidadora podem informar criticamente minha pesquisa.
- A prática da restituição, tanto na minha pesquisa (oferecendo resultados compreensíveis e úteis aos idosos e suas famílias, bem como novas reflexões para os gestores e responsáveis de decisão política) quanto na minha vida pessoal (através de um diário de campo), pode ser vista como um ato de resistência contra a alienação e a burocratização do saber e das relações humanas. É uma forma de fazer emergir os eventos, em geral excluídos, e reafirmar uma epistemologia humana e relacional sobre os fenômenos em que estamos imersos.
- A pesquisa, para Lourau, é um processo vivo e dinâmico, não uma aplicação mecânica de teorias preexistentes. Isso reafirma que meu percurso de doutorado não é apenas um exercício acadêmico, mas uma constante interrogação da realidade, alimentada pelas minhas contradições e pelas minhas implicações mais profundas. Minha imaginação socioanalítica será a chave para navegar e transformar esse complexo cenário. À luz do que foi encontrado em meu percurso, considero que minha experiência na relação de cuidado e na pesquisa nos espaços de cuidado encarna a dialética entre fazer pesquisa e viver a pesquisa, uma dialética que Lourau exorta a colocar no centro, não nas margens, do trabalho científico, como testemunho vivo da necessidade de uma ciência que não se envergonhe de suas implicações, mas que, ao contrário, as utilize como motor de análise e de transformação.

REFERÊNCIAS

LAGUM. Eterno agora. *In*: LAGUM. *As Cores, as Curvas e as Dores do Mundo*. Belo Horizonte, 2025. Faixa 1. (CD de áudio).

LOURAU, R. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1993.

SOBRE OS AUTORES

Alessia Benizzi

Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Bolonha, com especialização em sociologia das migrações. Doutoranda na Universidade de Ferrara, em dupla titulação com a PUCPR, onde desenvolve pesquisa em saúde coletiva.

Ana Lúcia Abrahão

Professora Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF), Coordenadora do Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS/EEAAC/UFF), Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gestão, Trabalho em Saúde/CNPq, Membro da Comissão Científica RECHERCHEAVEC.

Ana Paula Ribeiro Dôrea

Enfermeira licenciada pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). Discente de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública (EERP/USP). Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Saúde Coletiva (NUPESCO).

Arthur Marco Pegoretti da Cunha

Nutricionista, Mestrando em Enfermagem em Saúde Pública pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP e Membro do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NUPESCO).

Beatriz Fileme

Enfermeira formada pela Universidade Federal Fluminense (2022). Especialista em oncologia pelo Instituto Nacional de Câncer (2025). Mestranda pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde/UFF.

Bianca da Silva Nunes

Bacharel e Licenciada em Enfermagem desde 2016 pela UNIFASE, especialista em Gestão em Saúde Pública e Especialista em Terapia Intensiva Adulto e Neonatal. Mestranda do MPES/UFF. Atualmente é Enfermeira da Educação Permanente do Hospital de Ensino Alcides Carneiro em Petrópolis. Membro da Comissão de Revisão de óbitos desde 2023 do HEAC. Membro da Comissão de Terapia Nutricional do HEAC há 5 anos.

SOBRE OS AUTORES

Hildegard Soares Barrozo de Lima

Doutoranda no Programa em Ciência do Cuidado em Saúde (PACCS/EEAAC/UFF). Enfermeira sanitaria e socorrista do SAMU 192. Membro do Núcleo de Pesquisa em Gestão e Trabalho em Saúde (NUPGES/UFF).

Luana Asturiano da Silva

Doutoranda do Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde (2025.1). Enfermeira Obstétrica pela EEAAC/UFF. Membro do Grupo de Pesquisa Maternidade: Saúde da Mulher e da Criança, com projetos na área da Saúde da Mulher da EEAAC/UFF.

Luciana Araújo Lima Machado

Doutoranda em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS/UFF). Atua como Coordenadora do Núcleo de Atenção à Saúde do Aluno (ASA), da Divisão de Assuntos Estudantis, vinculada à Pró-Reitoria de Graduação do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Integrante do Núcleo de Estudos em Fundamentos de Enfermagem (NEFE/UFF) e do grupo de pesquisa Promoção em Comunicação, Educação e Literacia para a Saúde no Brasil (ProLiSaBr/UFTM).

Jeremias Kalupeteka Joaquim Dambi

Graduado em Enfermagem Geral no Instituto Superior Politécnico Tundavala – Lubango, Angola. Mestrando em Ciências de Cuidados em Saúde (PACCS/UFF).

Juliana Vieira de Moraes

Professora Substituta no Departamento de Saúde Pública da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda pelo Programa Acadêmico de Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS/UFF). Membro do Núcleo de Fundamento em Enfermagem (NEFE/UFF), do Núcleo de Pesquisa, Trabalho, Saúde e Educação (NUPETSE/UFF) e do Laboratório de Inovação em Promoção e Vigilância em Saúde (LIPVISA/UFPR).

Maiara Soares Baratela

Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestranda em Ensino na Educação: Formação Docente Interdisciplinar para o SUS, pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Projeto Componente de Provimento e Fixação de Profissionais do Programa Qualifica-APS, pelo Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa, Inovação em Saúde (ICEPi- SESA).

SOBRE OS AUTORES

Raquel Dias Botelho Borborema

Enfermeira, fiscal do Conselho Regional de Enfermagem de Minas Gerais, Mestre e Doutoranda pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS/UFF).

Rafaella Cristina de Oliveira

Médica veterinária pela Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA/USP). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP (EERP). Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Saúde Coletiva (NUPESCO).

ENTRE AFECÇÕES E INSTITUIÇÕES

PRODUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA EXPERIÊNCIA
DE ENSINO



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ENTRE AFECÇÕES E INSTITUIÇÕES

PRODUÇÕES DE SENTIDOS EM UMA EXPERIÊNCIA
DE ENSINO



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br